

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

MARIA TERESA ROLIM ROSA

**NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO AO TRABALHO
PSICOPEDAGÓGICO**

Especialização em Psicopedagogia

**SÃO PAULO
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

MARIA TERESA ROLIM ROSA

**NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO AO TRABALHO
PSICOPEDAGÓGICO**

Especialização em Psicopedagogia

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do certificado de Especialização em Psicopedagogia – Curso de Pós-Graduação “Lato-Sensu” da PUCSP-COGAE. Orientadora: Prof. Dr^a. Eloísa Quadros Fagali

SÃO PAULO

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO(CIP)

Rosa, Maria Teresa Rolim

“Narração de Histórias e sua Contribuição ao Trabalho Psicopedagógico”.
Maria Teresa Rolim Rosa - 2012.
42 f.

Monografia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP.
2012. São Paulo, BR-SP.

1. As Histórias da Sala de Leitura. 2 Fundamentação Teórica. 3 As Histórias na
Perspectiva Psicopedagógica.

CDU

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO AO TRABALHO
PSICOPEDAGÓGICO

Maria Teresa Rolim Rosa

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR(A)

PROFESSOR(A)

PROFESSOR(A)

*Dedico este trabalho aos meus pais, meus
primeiros contadores de histórias e a todos
que compartilharam comigo as histórias na
Sala de Leitura.*

*A mente que se abre a uma nova idéia nunca mais volta
ao seu tamanho original.*

EINSTEIN

RESUMO

Desde os longínquos tempos da infância ouço e leio histórias. Adorava quando meu pai sentava na escada do jardim para contar histórias para nós os filhos (seis), primos e amigos. Constituíamos uma pequena e animada platéia. Meu sonho era aprender a ler para ler todas aquelas histórias e tantas outras.

De fato li muito, dedicava um tempo para isso todos os dias. Nem pensava que décadas mais tarde iria exercer o ofício de contar histórias, descobrindo um pouco tarde talvez, a minha verdadeira vocação.

Seguramente meu tempo como Professor Orientador de Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, foi a melhor e mais feliz época da minha existência; os contos, lendas, crônicas, poesias, romances, épicos e tudo que li, contei, compartilhei e troquei com os estudantes que atendi, trouxeram-me uma nova dimensão para as histórias.

Histórias aguçam a imaginação, emocionam, encorajam. Dão esperança de superar o que parece sem solução. Mostram sutilmente como é a realidade. Vi nos alunos aquilo que vivenciei quando ouvia as histórias na escada.

É nesta experiência em sala de leitura, através de seis histórias de grande aceitação entre os alunos, que será analisada a contribuição da narração de histórias no trabalho psicopedagógico. Sendo assim as palavras chave que vão nortear o presente estudo são auto conhecimento, identidade, criatividade e psicopedagogia, pois busca respostas para as seguintes questões:

- Ouvir histórias pode ajudar na aprendizagem? Como?
- Ouvir histórias pode ajudar o indivíduo a resolver seus conflitos internos?
- Ajudaria a pessoa a desenvolver auto conhecimento?
- Contribuiria para a criatividade?

Palavras-chave: auto-conhecimento, identidade, criatividade, psicopedagogia

ABSTRACT

Since the remote years of my childhood I have been reading and listening to stories. I used to love when my father sat in the garden staircase to tell us- his children (six), our cousins and friends - some stories. Altogether, we constituted a small and lively audience. My dream was to learn how to read so as to be able to read those stories as well as several others.

Actually, I could read a lot of them. I would dedicate some moments to reading everyday. At that time, I could hardly imagine that a few decades later, I would be a story teller, discovering, maybe a bit late, my real talents.

For sure, the time I worked as a tutor in the so-called Reading Room in the Public School System of the City of São Paulo was the best and happiest moments in my life: the tales, legends, chronicles, poems, romances, epics and all the other stories I had read, I told to, shared and exchanged with all my students, who brought a new dimension to them.

Stories stimulate our imagination, emotions and are encouraging. They bring us hope of overcoming what seems to be the most difficult problems to solve. They subtly show us what reality is like. I could see that my students were feeling exactly the same as I had experienced when listening to my father's stories in the garden staircase.

It is in this classroom experience, through six popular stories among the students that the contribution of story-telling in the Psychopedagogical procedures will be analysed. Therefore, the key words in this study are: self-knowledge, identity, creativity and Psychopedagogy, for it aims at answering the following questions:

- Can story-telling help in the learning process? How ?
- Can the individuals solve their internal conflicts by listening to stories?
- Would it help people develop self-knowledge?
- Would it contribute to creativity?

Key-words: self-knowledge, identity, creativity and Psychopedagogy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 – HISTÓRIAS DA SALA DE LEITURA.....	14
1.1 – O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS.....	14
1.2 – OVOS NEVADOS.....	15
1.3 – O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO.....	16
1.4 – DE FORA DA ARCA.....	16
1.5 – OS TRES FIOS DE CABELO DO DIABO.....	17
1.6 – A PRIMAVERA DA LAGARTA.....	17
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 – Teoria da Psicologia Analítica de Carl G. Jung.....	20
2.1.1 – O conceito de Tipos Psicológicos.....	22
2.1.2 – O Conceito de Individuação.....	23
2.2 – Teoria Psicanalítica de Donald Woods Winnicott.....	24
2.3 – Estilos Cognitivos.....	25
3 – AS HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA.....	28
3.1 – O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS.....	28
3.1.1.- Considerações psicopedagógicas.....	28
3.2 – O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO.....	29
3.2.1 – Considerações psicopedagógicas.....	30
3.3 – DE FORA DA ARCA.....	31
3.3.1 – Considerações psicopedagógicas.....	31
3.4 – OVOS NEVADOS.....	32
3.4.1 – Considerações psicopedagógicas.....	32
3.5 – OS TRES FIOS DE CABELO DO DIABO.....	33
3.5.1 – Considerações psicopedagógicas.....	36
3.6 – A PRIMAVERA DA LAGARTA.....	37
3.6.1 – Considerações psicopedagógica.....	38

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
BIBLIOGRAFIA.....	41

INTRODUÇÃO

O principal foco deste estudo é a abordagem psicopedagógica de seis histórias marcantes, algumas porque agradaram os alunos – que muitas vezes pediam para recontá-las – outras pelos questionamentos que geraram. Na época, distante alguns anos do futuro curso de Psicopedagogia, apenas intuía e constatava empiricamente, que contar histórias poderia ajudar aqueles estudantes no dia a dia da sala de aula. Muitos alunos de baixo rendimento escolar, demonstravam interesse e entendimento nas atividades em Sala de Leitura. Em uma aula com a sétima série narrei uma passagem das “Mil e Uma Noites” onde Sherazade propunha ao Sultão decifrar um complicado (simples!) enigma matemático. Propus aos alunos que o solucionassem, e apenas dois meninos resolveram, justamente os que tinham as notas mais baixas em Matemática. Esse fato sublinhou minhas suspeitas de que narrar e ler contos aciona, ou revela, outros modos de pensar.

Sem saber como exatamente a narração de histórias os ajudava, procurei observá-los, participar mais das reuniões de pais e – claro – buscar no acervo, livros que tratassem do tema “contar histórias”. Além disso participei de vários workshops e vivências. Mas ainda faltava um respaldo teórico aprofundado.

Empiricamente percebia que as narrativas de alguma forma os ajudava nas outras demandas escolares e em questões mais pessoais. Houve um momento muito emocionante numa oitava série durante a narração de um conto sobre um rapaz que perde tudo, tenta por fim a sua vida e descobre nessa tentativa que há uma segunda chance. Nem tudo está perdido. Ao final do conto, uma das alunas, na época grávida, chorou, e deixou ser envolvida pela esperança de vida com o filho que viria. Como não ver que histórias curam?

Este presente estudo pretende mostrar, através da análise de seis contos e de seus heróis, como a escuta, o envolvimento e o convite a interagir com as histórias, pode disparar novas maneiras de pensar, descobrir alternativas para questões “sem saída”, flexibilizando o raciocínio.

Assim procurarei respostas para as seguintes questões:

QUESTÕES

- Contar histórias pode ajudar na aprendizagem?
- Contar histórias pode ampliar o raciocínio?
- Que história contar?
- Como dar um enfoque psicopedagógico às histórias narradas?
- Narrar histórias poderia contribuir no auto conhecimento e em uma boa auto estima em quem as escuta?
- Como avaliar os efeitos dos contos no foco psicopedagógico?
- Como identificar estilos cognitivos afetivos, funções psíquicas e ativar as que pouco são utilizadas?

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é focar cada uma das histórias na perspectiva psicopedagógica, numa interpretação que considera os estilos cognitivos, os tipos psicológicos, processo de individuação e formação do *self* dos heróis.

Há outro objetivo que envolve a participação dos ouvintes nas histórias que apresentam situações insolúveis ou muito problemáticas, numa oportunidade de desbravar novas possibilidades, até então adormecidas. Tais experiências vividas na dimensão do espaço potencial, acionam com facilidade novas formas de pensar. Neste caso o objetivo é observar os estilos cognitivos que surgem nas histórias e confrontá-los com os dos ouvintes quando convidados a interferir nas mesmas, o que pode solicitar novas demandas neles.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo calcado na minha experiência em aulas na Sala de Leitura face à fundamentação teórica da Psicologia Analítica de Carl G. Jung e das importantes contribuições de D Winnicott e Fagali; e dos estudiosos do simbólico na

literatura; Diana e Mario Corso, Bruno Bettelheim, Gilberto Safrá e os autores das nossas histórias.

No capítulo 1 temos uma breve referência das histórias narradas e como as trabalhei na época, para qual público e com qual finalidade.

No capítulo 2 apresento a fundamentação teórica com grande destaque para Jung e Winnicott.

No capítulo 3 há a importante contribuição de Fagali, que analisa os diferentes Estilos Cognitivos Afetivos.

No capítulo 4 apresento novamente as histórias, agora narradas resumidamente e na visão psicopedagógica com a interpretação da dinâmica dos heróis.

No capítulo 5 apresento as considerações finais, e por fim a bibliografia.

1 – AS HISTÓRIAS DA SALA DE LEITURA

As histórias que se seguem foram narradas para estudantes de diversas idades e séries com o objetivo de descortinar o universo da leitura para eles. E assim instigando-os a ler, que se tornassem aos poucos leitores autônomos, de acordo com os propósitos da Sala de Leitura. Na época o enfoque era apenas pedagógico, embora os efeitos numa esfera mais subjetiva fossem evidentes.

As histórias são:

1) “O Homem que Amava Caixas”, de Stephen Michael King, sobre o amor entre pai e filho, que é compartilhado através de brinquedos e brincadeiras com as caixas.

2) “O Homem que Espalhou o Deserto”, de Ignácio de Loyola Brandão, traz a sinistra saga de um menino solitário e estranho que ganha de presente uma tesoura. Então corta as folhas das plantas na mesma proporção em que cresce até liquidar toda a vegetação do país.

3) “De Fora da Arca”, de Ana Maria Machado, conta o que aconteceu com quem não entrou na Arca de Noé e enfrentou o dilúvio.

4) “Ovos Nevados”, de Silvia Orthof, é uma alegoria sobre uma princesa de um país distante que adorava comer ovos nevados, enquanto o povo passava fome e privações.

5) “Os Três Fios de Cabelo do Diabo”, conto de domínio público reescrita pelos irmãos Grimm, sobre uma profecia – um menino humilde que viria no futuro a ser o rei de seu país e libertar o povo da opressão.

6) “A Primavera da Lagarta”, de Ruth Rocha, conta a vida de uma lagarta feia e comilona, que sofre humilhações. Mas um dia tudo melhora.

1.1 – O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS

Essa história foi contada para as turmas de segunda série, em 2005, na época do dia dos pais para celebrar e lembrar o amor de pais e filhos. Também para

divulgar um pouco do acervo de literatura infantil. Após a narração cada um colocou o que mais chamou a atenção na história, a maioria adorou os brinquedos de caixa e as ilustrações do livro. Como sempre fazia contei sobre a vida do autor, australiano, nosso contemporâneo, que perdeu quase que completamente a audição, praticamente ficou surdo aos nove anos. Desde então dedicou-se aos desenhos e leitura, tornando-se escritor e ilustrador bastante premiado.

Isso não passou despercebido pelos alunos, que gostaram da “volta por cima” de S. M. King. Por fim cada um desenhou no próprio caderno, a parte de história que mais gostou.

Na intervenção psicopedagógica, acredito que teria pontuado a narração em algumas passagens: o não saber que se pode expressar verbalmente o amor sentido, a maldade do outro (dos vizinhos), a comunicação entre o filho e o pai através dos brinquedos de caixa e o esmero com que eram feitos. Seriam pausas para pensar sobre o que o conto pode gerar em reflexões sobre as experiências e emoções do dia a dia das crianças, adolescentes ou qualquer aprendiz em qualquer idade.

1.2 – OVOS NEVADOS

Foi na roda de leitura, que era um momento durante a devolução dos livros emprestados, no qual os alunos comentavam algo sobre o livro que haviam lido e o repunham corretamente na estante certa, que o conto me atraiu. O menino que retirou os “Ovos Nevados” apenas disse que não havia entendido o livro, nem ele nem os pais dele. Era um aluno da quarta série. Comentei que nem sempre entendemos um conto num dado momento, mas que mais adiante ao reler, teremos o entendimento.

Na sala de leitura essa história foi contada na época das eleições presidenciais de 2006, para as oitavas e sétimas séries. Houve uma roda de conversa sobre a política, o abuso do poder, as eleições. Também trabalhamos a vida e obra da autora e contextualizamos a história no período em que foi escrita, década de 80.

Se considerarmos o enfoque psicopedagógico poderíamos ressaltar a questão da repetição ou alteração das ações humanas associadas ao desejo ou insatisfações humanas. Se nada for feito o indesejado padrão se repete, até por falta de alternativas.

1.3 – O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO

Na época, junho de 2007 com quintas, sextas, sétimas e oitavas séries, trabalhamos o desmatamento, o impacto ambiental, a especulação imobiliária, desenvolvimento sustentável. Também listamos todas as palavras que remetem à ecologia e descobrimos o significado delas através de consultas aos livros de ecologia e dicionários da sala de leitura. Tinha aluno que ainda não sabia muito bem como consultar um dicionário. Esclareci, com naturalidade e delicadeza como procurar, alguns alunos ofereceram ajuda.

Trabalhamos a produção do autor e sua posição na literatura brasileira hoje.

Se considerarmos um enfoque psicopedagógico o estranho comportamento do menino seria abordado com perguntas pontuais sobre solidão, agressão e construção. Ressaltaria o isolamento dele desde bem pequeno, porque cortava as plantas e o que isto associa a experiências em que nos sentimos sozinhos ou quando vem algo associado a agressão.

1.4 – DE FORA DA ARCA

Este conto foi um sucesso.

O foco desta narrativa foi o trabalho da escritora Ana Maria Machado sua vida e obra. Tem neste livro uma galeria com a ilustração dos muitos animais fantásticos, aqueles que pereceram no dilúvio, um verdadeiro dicionário. Tem ainda uma música. Trabalhamos alguns aspectos de geografia, história e ciências. Os alunos de primeiras, segundas, terceiras e quartas séries constituíram o público desta narrativa.

Adoraram as ilustrações (são do Ziraldo) de todos os animais fantásticos. E a história do dilúvio sempre agrada. Utilizei alguns origamis de barco e animais para contar a história. Depois os alunos puderam ler livros da autora.

Hoje, na ótica psicopedagógica, o “ficar de fora” significa muito na minha percepção. Quem está fora pode morrer, se sobreviver será com muito sofrimento. Assim como na Arca, que pode ter muitos sentidos, quem é normal, quem tem seu par, vai entrar nela e se dar bem. É só esperar a hora de sair. E os que ficam de fora? Conversar sobre a exclusão e inclusão das pessoas e do que é diferente. A Psicopedagogia atua no sentido de fortalecer internamente aqueles que por diversos motivos não aprendem ou aprendem com muita dificuldade e que vivem situações de exclusão.

1.5 – OS TRES FIOS DE CABELO DO DIABO

Sala de Leitura - divulgar a vida e a obra dos irmãos Grimm. A época em que viveram, outros contos deles. Esta história foi um sucesso, todos pediam para eu recontar, o livro que tinha esta história não parava na estante, tinha fila de espera para empréstimo. Narrei para turmas de terceiras e quartas séries.

Num trabalho com enfoque psicopedagógico iria analisar as questões de sucesso e insucesso. Penso que a trajetória do herói que veio da miséria e com inteligência e coragem – e uma dose de sorte e ajuda de outros – se deu bem na vida, sirva de exemplo para as pessoas não desistirem do que querem, focalizando a crença e a coragem de superar as dificuldades e não contando só com a sorte e a ajuda do outro.

1.6 – A PRIMAVERA DA LAGARTA

Este conto foi narrado para alunos das segundas séries em 2004 na época da primavera. A intenção era divulgar a vida e obra de Ruth Rocha. E também, celebrar a chegada da primavera. Ilustrei a narração com lenços que remetiam aos personagens. Quando os bichos saem em busca da lagarta para expulsá-la da

floresta, nós todos cantamos a parlenda “Um, dois feijão com arroz...” para acompanhar a marcha deles. Ao final da contação muitas crianças quiseram brincar com os lenços. Propus que aguardassem as outras atividades e que se desse tempo a gente brincava. Conversamos sobre estações do ano, sobre a primavera como se apresenta. Os alunos tiveram acesso a outras obras da autora, trocamos impressões sobre obra e autora. Passei uma breve biografia da Ruth, divulguei um evento onde ela estaria em pessoa. Eles adoraram. Por fim brincaram um pouco com os lenços.

No enfoque psicopedagógico teria abordado as projeções associadas ao lazer e leveza da cigarra, ao trabalho e dureza da formiga e ao movimento e ritmo da tartaruga. Faria pausas pontuais perguntando sobre como cada um deles é e como cada aprendiz se identifica ou precisa desenvolver, levando em conta que cada uma destas qualidades tem sua função importante se não forem fixadas em apenas um dos pólos, impedindo o desenvolvimento do oposto no jogo entre lazer-trabalho, leveza-peso e lentidão-aceleração. Quanto à transformação da lagarta em borboleta teceria perguntas sobre aquele tempo de recolhimento, o momento a sós da lagarta, enfatizando a importância de não ficar parada e transformar.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender o real alcance destas e de outras histórias foi necessário um estudo mais aprofundado da obra de estudiosos do simbólico na literatura, do desenvolvimento da inteligência e escritores. São eles: Bruno Bettelheim, Carl Jung, Diana e Mario Corso, Eloísa Fagali, Gilberto Safra, Winnicott, Piaget e os autores das histórias citadas.

Por meio da linguagem simbólica, as histórias falam de temas muito profundos para todos nós. Histórias são maneiras delicadas de tratar assuntos sofridos como perdas, morte, separações, inveja, adoção, rejeição e abandono.

Assim torna-se possível compreender a realidade, reviver emoções, aliviar angústias e permitir a expressão de sentimentos, desejos, mágoas e medos.

Sendo assim, à luz das teorias de Winnicott, há uma significativa citação de Gilberto Safra em “Curando com Histórias”:

As histórias são um claro exemplo dos fenômenos transicionais em que, no mundo do “faz de conta”, a criança procura aliviar as tensões decorrentes do contato da realidade interna com a externa, facilitando o desenvolvimento do ego e do sentido de realidade, pois constituem um fenômeno facilitador da capacidade simbólica. (SAFRA, 2006).

Utilizando-se de uma simbologia transbordante de mitos e arquétipos, e difundindo sua sabedoria através dos tempos, os contos são fáceis e complexos, tornando-se dessa forma, acessíveis a crianças e aos adultos. Eles abrem a nossa imaginação para a reflexão pessoal e cultural, tornando-nos capazes de experimentar a vida de uma forma mais ampla, mais sábia e mais complexa.

Muitas vezes essas narrativas parecem reais, outras, imaginárias. Na verdade são apenas uma repetição das diferentes situações pelas quais passa o ser humano em sua vida real. Nos contos o bem e o mal coexistem tanto quanto estão presentes nas situações do dia a dia dos indivíduos.

Isso permite a identificação com os heróis dos contos, porque tal como nós, eles também sofrem, lutam e triunfam, mostrando que até o mais medíocre indivíduo pode ter sucesso na vida, (Bettelheim, 1980).

Uma história pode enriquecer muito a vida da pessoa que a compartilha, de acordo com o autor Bruno Bettelheim,:

[...] “para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajuda-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam”. (BETTELHEIM, 2010).

2.1 – Teoria da Psicologia Analítica de Carl G. Jung

Jung (1875 – 1961) médico psiquiatra suíço, teve uma infância e juventude em contato com a natureza, com livros de mitologia e temas religiosos, e textos de filosofia de Kant, Goethe, Schopenhauer e Nietzsche. Isso influenciou muito sua vida profissional quando adulto, pois via um sutil, embora evidente, paralelismo entre o psiquismo humano – o inconsciente em especial – e os temas da filosofia, mitologia, história e arqueologia, de que tanto gostava.

Todo esse panorama contribuiu para a posterior construção da Psicologia Analítica. Suas teorias trazem um amplo conhecimento da cultura de vários povos, da Mitologia, Filosofia e História que aparecem nos conceitos por ele propostos como: Inconsciente Coletivo, Arquétipos, Complexos, Tipos Psicológicos, Sincronicidade e Individuação. Soube convergir para a Psiquiatria seus estudos nessas áreas assim como as observações de sua própria vida interior.

Segundo Jung a tarefa de cada ser humano é ser ele mesmo, quanto mais próximo de si próprio melhor será sua saúde mental. E é neste ponto que as histórias tem muito a contribuir, pois no plano imaginário tanto descortinam conflitos e tensões apontando possibilidades de solução, como revelam nuances ainda desconhecidas ou encobertas do verdadeiro “eu”. Seria o processo de individuação, a formação do *self*, de ser um ser único integrado e em equilíbrio entre consciente e inconsciente.

Haveria dois níveis de inconsciente, um mais superficial habitado por conteúdos recalçados ou esquecidos de caráter pessoal, e outro mais profundo inerente e equivalente em todo ser humano. Trata-se do *inconsciente coletivo*, espaço onde estão gravados conteúdos de natureza emocional calcados sobre

todas as experiências vividas pelos humanos desde os primórdios da sua existência e preservados por herança. Estes conteúdos são os *arquétipos*, ou as possibilidades herdadas que representam imagens similares. São formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma (Silveira, 2007).

“Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos constituindo portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”. (JUNG, 2011).

Como herança comum o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, e em seu âmago há um centro ordenador e de energia, o *self*, o si mesmo. Nas profundezas do inconsciente está o nosso verdadeiro “eu”.

“Desde que a atividade consciente repousa sobre o lastro básico dos instintos e dos arquétipos, será utilíssimo para a saúde psíquica estabelecermos um diálogo entre consciente e inconsciente, a fim de nos apropriarmos do influxo energético que emana do dinamismo das estruturas de fundamento da vida psíquica. (SILVEIRA, 2007).”

Por sua vez os *complexos* são conteúdos emocionais de forte carga afetiva submersos no inconsciente, e Jung os identificou durante testes de associação de palavras em seus pacientes. Enquanto os demais experimentadores apenas se detinham no tempo da resposta do paciente a uma palavra indutora, Jung ia além.

As reações dos pacientes não lhe passaram despercebidas, alertando-o que haveria algum aspecto emocional importante, conflitivo e inconsciente a ser considerado. Logo constatou que os complexos poderiam ser agrupados em categorias definidas e associados aos arquétipos.

O conceito de *sincronicidade*, significa que há uma ligação não casual entre dois acontecimentos. No filme “Um Método Perigoso”, o ator que representa Jung diz algumas vezes à sua esposa “para mim não há coincidências” (sic). O que indica que há algo mais ancestral por trás de eventos sem uma conexão visível.

Tipos psicológicos e individuação pela importância que ocupam neste estudo merecem ser tratados em sub itens.

2.1.1 – O conceito de Tipos Psicológicos

Ao observar, analisar e estudar o aspecto social, a interação entre as pessoas, Jung inicialmente distinguiu dois grandes grupos, por um lado há pessoas mais arrojadas que logo partem para a ação, e por outro há indivíduos mais cautelosos que hesitam em agir. No primeiro grupo estão os *extrovertidos*, cuja energia psíquica, a libido, flui rapidamente; e no outro os *introvertidos* nos quais a libido recua. Empirista que era, Jung logo percebeu diferenças entre os extrovertidos e, igualmente entre os introvertidos. Diferenças decorrentes da *função psíquica* predominante que cada pessoa usa para adaptar-se ao mundo exterior.

São quatro funções psíquicas; a *sensação* constata o ambiente onde está inserido o indivíduo, adaptando-o à realidade objetiva; o *pensamento* esclarece o que significa esta realidade e assim julga, classifica e discrimina um objeto do outro; o *sentimento* faz a estimativa dos objetos, julga também mas com outro critério bem mais subjetivo; e a *intuição* que é uma percepção do meio através do inconsciente, numa apreensão da atmosfera onde estão os objetos.

Todos possuem essas quatro funções mas poucos as desenvolvem por igual. Em geral prevalece uma delas que seria a principal função, outras duas são razoavelmente desenvolvidas e por fim a inferior, pouco acionada.

Essas funções aparecem nas pessoas aos pares e em oposição, assim se a intuição predominar a sensação será a função inferior e vice versa. Também se a função pensamento for a principal, a inferior será o sentimento valendo o vice versa.

É exatamente a função psíquica principal que dá a marca característica aos tipos psicológicos. Da combinação das funções sensação, pensamento, sentimento e intuição com as atitudes extroversão e introspecção estão as tantas nuances que diferenciam as pessoas conferindo-lhes uma “assinatura”. Temos então oito tipos psicológicos.

Porem o bom mesmo seria que houvesse equilíbrio entre as quatro funções psíquicas, o que tornaria o raciocínio e a cognição mais abrangentes. Muitas vezes a pouca solicitação, as baixas demandas, enfim os fatores sócio culturais e ambientais, bem como fisiológicos, se encarregam de aprisionar, até quase anular, algumas dessas funções. Todas são úteis e necessárias. O próprio Jung deve ter tido as quatro funções em equilíbrio, pois sua obra mostra sempre aspectos,

tonalidades e matizes em suas análises e pesquisas, que passavam despercebidos para outros estudiosos.

No capítulo Estilos Cognitivos veremos mais detalhadamente o impacto dessas funções e atitudes na aprendizagem.

2.1.2 – O Conceito de Individuação

[...] “é o velho jogo do martelo e da bigorna; entre os dois, o homem, como o ferro, é forjado num todo indestrutível, num indivíduo. Isso, em termos toscos, é o que eu entendo por processo de individuação”.

JUNG, 2011

De maneira bem simples, o processo de individuação é a tendencia instintiva a realizar plenamente as potencialidades inatas. Porém é um processo difícil e penoso carregado de sofrimentos, mas necessário. Vindo a ser o indivíduo que é de fato, o ser humano realiza as particularidades de sua natureza.

Uso o termo ‘individuação’ no sentido do processo que gera um “*individuum*” psicológico, ou seja, uma unidade individual. (Jung, 2011).

Com base nas observações das produções do inconsciente tais como mitos, contos de fada, e principalmente sonhos, Jung verificou que imagens análogas se sucediam num movimento crescente. Tudo era muito semelhante nessas vertentes, ficando claro que se tratava da individuação e que percorria etapas.

Inicialmente é preciso despir-se da máscara que nos protege e com a qual enfrentamos a realidade externa. É a persona para Jung. Até certa medida esta máscara é uma útil defesa, porém a adesão a ela pode ser tão grande a ponto da pessoa identificar-se com sua máscara. Quanto mais a persona aderir á pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la. (Silveira, 2007).

Despir da persona é enxergar o nosso lado escuro, a *sombra*. A sombra coincide com o inconsciente pessoal e tanto abriga desde complexos reprimidos até

forças maléficas, quanto qualidades valiosas. Na sombra está tudo o que a pessoa não reconhece em si e sempre a importuna.

Após conhecer a sombra é hora de defrontar-se com a *anima* e o *animus*, ou seja, no inconsciente de cada homem está oculta uma personalidade feminina, a anima, e há uma personalidade masculina em cada mulher, o animus. São energias ancestrais, mergulhadas no inconsciente coletivo, e ambas são saudáveis se bem conduzidas e conferem a cada um, uma função psicológica importantíssima: é a mediadora entre inconsciente e consciente.

“Quando depois de duras lutas se desfazem as personificações da anima ou do animus, “o inconsciente muda de aspecto e aparece sob uma forma simbólica nova, representando o self, o núcleo mais interior da psique” (M. L. FRANZ, 2007), (SILVEIRA, 2007).

Do reconhecimento da própria sombra bem como a liquidação de projeções e a assimilação de aspectos parciais do psiquismo, através de um intenso confronto entre o consciente e o inconsciente, é produzido um alargamento do mundo interior, definindo o *self* como centro da personalidade da pessoa, e não mais o ego. Agora o indivíduo é um todo completo com seus aspectos claros e escuros; masculinos e femininos; consciente e inconsciente.

Individuar-se é doloroso e sofrido, mas não individuar-se é viver num eterno desacordo consigo mesmo e com o plano básico inato de seu próprio ser. Quem não se individua envolve-se em uma trama de projeções, confundindo-se com os outros.

2.2 – Teoria Psicanalítica de Donald Woods Winnicott

Donald Woods Winnicott (1896 – 1973), médico pediatra britânico, ampliou consideravelmente sua obra ao enriquecer, através da prática psicanalítica, seu trabalho clínico que nunca abandonou. Soube aliar à pediatria seus estudos em psicanálise constatando eventos importantes e decisivos para a vida futura do presente bebê. Conceituou-os como *holding*, *mãe suficientemente boa*, *fenômenos e objetos transicionais*, *self*, e *espaço potencial* entre outros. Com vasta experiência clínica – atendeu incontáveis pacientes vítimas dos horrores das Guerras Mundiais –

valorizou muito os laços familiares, especialmente entre mãe e filho, seria o *holding*, a sustentação.

As suas investigações sobre os primórdios da vida imaginativa, das experiências culturais, e com tudo o que determina a capacidade individual de viver criativamente, merecem destaque neste estudo. Destacou a importância da criatividade, potencial em todos os humanos, e que se manifesta quando há a contribuição pessoal, e não a mera submissão de devolver ao meio ambiente exatamente o que recebeu.

Winnicott constatou que haveria entre o mundo subjetivo e a realidade externa compartilhada, uma área intermediária de experimentação onde tanto um quanto outro transitam e contribuem. É essa dimensão, que nem é a realidade subjetiva nem a externa, que se constitui o espaço potencial, essencial para a formação e o dinamismo da personalidade.

Tudo se inicia nos primórdios da infância quando emergem os fenômenos transicionais, e destes, o objeto transicional. Aos poucos estes evoluem para ser o espaço potencial, exatamente onde as histórias navegam.

Sem a vivência nessa dimensão, sem experimentar as nuances vindas do real e do imaginário, a formação do self, isto é, do si mesmo, não floresce. São o brincar e as experiências culturais – e aqui estão as histórias – que ativam as condições para a criatividade aparecer, e “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (Winnicott, 1975).

2.3 – Estilos Cognitivos

Conforme Jung a partir das quatro funções psíquicas básicas – sensação, pensamento, sentimento e intuição – é que ocorre a interação e adaptação com a realidade externa e consigo mesmo. A predominância de uma função marca o estilo cognitivo, portanto a compreensão dos objetos se configura de forma diferente no comportamento, na linguagem, na criatividade, na modalidade de aprender e de ser no mundo, que se alinha a essa função maior.

As funções pensamento e sentimento são as *racionais* pois empregam critérios para organizar e decidir, porém de modos diferentes visto que o

pensamento usa a lógica e regras de análise, e o sentimento usa a subjetividade e o mérito pessoal.

As funções intuição e sensação são as *irracionais* porque não decidem num primeiro momento, mas sim, experimentam. Também de maneiras diversas. Por um lado a intuição funciona com base em sua experiência e percepções inconscientes, e, por outro a sensação funciona pela experiência do concreto, do mundo físico.

Considerando a dinâmica entre essas funções, C Jung constatou que os pares de funções racionais e irracionais se opõem. Pensamento e Sentimento; e Sensação e Intuição assim se organizam. Enquanto um dos pares está na consciência, o outro par tende a ficar inconsciente. Uma das funções tende a ser mais dominante, a função superior, tornando o seu par oposto bem menos desenvolvido numa condição mais inconsciente, temos aí a função inferior.

A função superior confere à pessoa o estilo predominante de aprender, de ser, as suas maiores capacidades, sua forma de se manifestar e se defender.

Por sua vez a função inferior, quase nada desenvolvida, é o ponto fraco da pessoa. Mas, cheia de possibilidades, oferece ao indivíduo desafios constantes que precisam ser enfrentados e superados. É a grande força mobilizadora para aprender.

As outras duas funções estão num plano intermediário, nem dominam nem sucumbem, respondem bem quando acionadas cooperando com a dominante.

Haveria um sentido psicopedagógico para essas funções que, para Fagali, em extensas pesquisas, representam os estilos cognitivo-afetivo. São estilos por serem tendências manifestas nas relações com o outro e nas situações de aprendizagem, sujeitas a alterações e associadas à memória, atenção, motivação, formas de pensar e expressar e reações defensivas nas situações de aprendizagem.

No presente estudo analisarei quais os estilos cognitivo-afetivo dos heróis das histórias, as situações que demandam um outro estilo que o herói ainda não desenvolveu e as consequências, muitas vezes desastrosas, devido a essa rigidez imposta pela intensa predominância de uma função que anula uma outra. gerando inadequações comportamentais e também dificuldades de aprendizagem. Há algumas narrativas “sem saída” exatamente pela inépcia do (anti) herói. Mas se houver a devida intervenção dá para salvar a situação.

E mais, o processo de individuação e arquétipos também serão içados dos contos, interpretados e sugeridas intervenções.

3 – AS HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

3.1 – O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS

Stephen Michael King

Era uma vez um homem que tinha um filho. Este o amava muito e o homem o amava também. Mas o homem não sabia dizer ao filho que o amava. Como o homem amava caixas – tinha uma coleção delas – resolveu fazer brinquedos com as caixas para seu filho brincar. O menino brincava de castelos, aviões, carros, pipas. Brincava com os amigos, com o pai, com o cachorrinho.

Mas as pessoas daquele lugar achavam que o homem era maluco de fazer tanta maluquice com tantas caixas. Riam dele, faziam comentários maldosos.

O homem nem se importava com isso. O importante era que ele e o filho tinham um jeito muito especial de expressar o amor que compartilhavam, ao brincar juntos com os brinquedos feitos de caixa.

3.1.1.- Considerações psicopedagógicas

Os brinquedos de caixa poderiam ser objetos transicionais e habitar o espaço potencial. Tem as importantes funções de facilitar a comunicação entre o pai e o filho e proporcionar meios para a criatividade de ambos se expandir.

Na intervenção psicopedagógica poderíamos explorar o tema brinquedos ou o faz de conta como ponte entre o real e o si próprio de cada um e com o outro, ou seja, explorar o espaço potencial que permeia a história na figura dos brinquedos e das brincadeiras.

Também exploraria o herói da narrativa que é o Homem que amava as caixas e amava muito o filho. O não conseguir verbalizar o amor pelo filho indica traços de uma personalidade introspectiva, o fazer brinquedos com as caixas e brincar com elas, mostra um predomínio do estilo de aprendizagem perceptivo concreto, embora as funções sentimento e intuição permeiem todas as ações do Homem, visto que as mesmas estão calcadas no amor que sente pelo filho e na imaginação que transforma caixas em brinquedos.

Seguindo a função psíquica predominante no herói, a percepção, seria bem coerente que os ouvintes a vivenciassem ao brincarem com caixas.

3.2 – O HOMEM QUE ESPALHOU O DESERTO

Ignácio de Loyola Brandão

Era uma vez um menino que desde bem novinho adorava brincar com tesouras. Cortar folhas das plantas era sua brincadeira favorita. Os pais até que achavam bom, assim o filho não dava trabalho, não chorava, não pedia nada. O menino foi crescendo e, conforme crescia, cortava mais folhas e de plantas mais altas. Mais velho e mais crescido ganhou dos pais uma tesoura maior que cortava muito mais. Os pais estavam muito felizes porque o menino não dava trabalho, não voltava tarde para casa, não namorava, não saía, não fumava, não fazia nada, só cortava folhas das árvores. Na casa deles o abacateiro, as roseiras, o jacarandá já tinham morrido. O menino cresceu e agora cortava tudo, tinha ganhado um machado dos pais. Na sua casa não havia mais nada de plantas, até a centenária jabuticabeira estava liquidada.

Mas o rapaz (o menino cresceu) não satisfeito, cortou todas as árvores da rua, do bairro, da cidade, do estado!!!! Logo as construtoras o contrataram para desmatar os terrenos nos quais iriam erguer prédios. E o Homem tinha tanto trabalho que abriu uma empresa e comprou várias moto-serras. Pouco tempo depois o país não tinha mais vegetação nenhuma, virou um deserto, não tinha água, animais morreram, muita gente ficou doente e morreu. Mas o Homem ficou milionário.

O governo contratou os serviços de reflorestamento de um outro país para reerguer o seu. O tempo passou e tudo ficou como antes. Nesse meio tempo o Homem casou teve um filho.... e... presenteou o filhinho com uma tesoura.....

3.2.1 – Considerações psicopedagógicas

A ação predatória, o cortar o que é vida e que não oferece resistência. O silêncio dos pais e de todos diante disso. O menino tem existência solitária, não compartilha suas experiências nem seu mundo interior com ninguém, por não dar “trabalho” o menino é relegado, ninguém presta muita atenção nele.

Numa eventual intervenção psicopedagógica, poderíamos explorar como o menino faria para interagir com os outros; e o impacto e consequências do não interagir com o outro. Como o menino seria se tivesse amigos para brincar, se houvesse alguém para alertá-lo acerca de cortar tanta planta.

O herói deste conto é na verdade um anti herói devido à sua ação destrutiva que ressalta o lado “sombra” do psiquismo. E este aflora sem censuras. E ainda conta com a aprovação de um sistema social e econômico cuja ambição desmedida premia a devastação. Nem adianta eliminar o anti herói, ele já tem um herdeiro.

Mas a história pode ser outra se houver uma intervenção, se houver um herói para ser o contra ponto que agirá para salvar a natureza, e é o leitor que convidado, vai entrar na história para muda-la: o que fazer para mudar o rumo deste conto. Para reerguer e proteger a vegetação, exercer o limite neste anti herói, desempenhar o papel de censura até então inexistente, seria então o confronto entre a sombra e a luz, o inconsciente e o consciente. A mesma força que hoje destrói, uma vez que só sabe destruir, pode de fato construir e criar se houver orientação.

Também estamos diante de um herói, ou melhor anti herói que prima por um estilo cognitivo perceptivo concreto, marcado pela ação, porém desprovido das funções sentimento e intuição assinalados pela indiferença aos sofrimentos gerados pela destruição sem alternativas. Essas outras funções aguardam um “convite” para surgir, desenvolver e contribuir para diluir essa face do herói.

3.3 – DE FORA DA ARCA

Ana Maria Machado

A história da arca de Noé todo mundo conhece. Todos os animais em casais embarcaram e se salvaram do dilúvio. Por semanas e semanas choveu incessantemente, em todas as direções e níveis era só água.

Mas o que aconteceu com quem não entrou na arca? Morreram afogados? Nadaram? Sobreviveram? Alguns sobreviveram, outros não. Quem sabia voar ou nadar ou ambos, tal qual peixes, baleias, golfinhos e aves como pelicanos e gaivotas sobreviveram. Quem se alimentava de peixes e nadava ou flutuava também não morreu.

Já outros que não sabiam nadar nem flutuar, nem voar, nem alimentar-se de peixes.....não sobreviveram. Porém vivem até hoje nas histórias que quem estava na arca contava. Histórias de dinossauros, animais fantásticos e míticos como o Minotauro, Pégaso e outros.

3.3.1 – Considerações psicopedagógicas

Como é sentir-se fora, em que situações isso pode acontecer. Ficar de fora é tão ruim assim ou poderia ser uma oportunidade para a pessoa descobrir novas possibilidades e empreender esforços para se superar.

Estes aspectos podem ser explorados na intervenção psicopedagógica.

Descobrir suas capacidades e desenvolve-las, verificar que os excluídos da arca se salvaram exatamente por isso. Alguns descobriram que conseguiam voar, ou seja, desenvolveram estilo cognitivo intuitivo; já os que preferiram nadar primaram pela função sentimento; e outros conseguiram fazer os dois, voar e nadar, alternando assim as funções intuição e sentimento. A função percepção nem foi tão acionada.

Porém nem todos sobreviveram, não conseguiram voar nem nadar. Eram animais enormes e pesados demais para voar ou nadar. Tinham a percepção como função dominante, justo a que não precisava tanto, sem quase nada das outras.

Mesmo assim ainda estão presentes no nosso imaginário. Isso pode indicar que eles são o lado sombrio do psiquismo, e o que sobreviveu deles é algo mágico e

fascinante, ou seja, mergulhado no âmago do inconsciente junto com as sombras, há luz.

3.4 – OVOS NEVADOS

Silvia Orthof

Há muito tempo atrás, num reino onde o povo vivia miseravelmente e a família real na opulência, tinha uma princesa que adorava comer doces. O seu favorito eram os ovos nevados. Como a princesa devorava muitos doces, suas roupas tinham que ser alargadas diariamente, tinha até uma costureira exclusivamente para todos os dias, toda hora alargar os vestidos da princesa que não parava de engordar.

Até que um dia, num feriado nacional daquele país, teve um desfile e o rei ia fazer um discurso logo após. Mas o desfile demorou muito para passar em frente do palanque real. Enquanto aguardavam o tal desfile, foram servidas as mais deliciosas iguarias à família real. A princesa tanto comeu que estourou, ela e o vestido dela.

Foi uma confusão tão grande que a família real sumiu!

O povo, agora sem governante, decidiu fundar uma república e elegeram para presidente a costureira real porque, acostumada que estava a remendar tanto vestido, seria fácil para ela remendar o destruído país.

No começo foi tudo bem..... mas..... como a costureira tem engordado ultimamente.....

3.4.1 – Considerações psicopedagógicas

A impossibilidade de mudar uma situação, a repetição do comportamento. Seria de fato impossível? Na Psicopedagogia poderíamos explorar soluções que não a repetição, oferecer às pessoas chances através de experiências e vivências para aumentar o seu repertório o que ajudaria a vislumbrar uma gama de

abordagens possíveis para algum problema que as aflige. Em outras palavras alavancar as funções psíquicas soterradas sob o peso da superior.

Interessante a fome desmedida da princesa. Seria algo a explorar.

A voracidade, o querer demais pode ser destrutivo, e isso se repete na sucessora, que é a costureira. Neste conto a heroína é a princesa, sua única atividade é comer, mas procura não se expor diante do povo faminto. Isso aponta para a dominância de um estilo cognitivo perceptivo concreto sem quase nenhuma intuição, pensamento e sentimento. Mas há um pequeno resquício delas visível no pudor de se expor perante o povo. Sem desenvolver minimamente todas as outras funções psíquicas, a princesa não descobria outras possibilidades.

Neste conto o leitor pode ser convidado a “entrar” e agir, como se fosse alguém do povo sofrido, e reerguer o destroçado país.

3.5 – OS TRES FIOS DE CABELO DO DIABO

Irmãos Grimm

Há muito tempo atrás, num lugar longe daqui, havia um povoado cujo Rei era muito mau. O Rei vivia atormentado com uma profecia na qual estava para nascer um menino, já com dentes, que iria destroná-lo. O menino de fato nasceu e com dentes, filho de um casal de aldeões muito pobres.

A notícia se espalhou, o Rei soube e foi até a aldeia, arrebatou o bebê dos pais, colocou-o numa cesta largando-a num rio de forte correnteza. Feito isso o Rei ficou sossegado pensando que a profecia jamais iria se cumprir.

Porem a cesta se enganchou num galho mais à frente, perto de uma casa de outro casal de aldeões que não conseguia ter filhos. O aldeão ouviu o choro, viu a cesta, retirou-a da água. Feliz, o casal adotou o bebê. O menino cresceu, cheio de saúde, muito bonito, trabalhador, inteligente e esperto.

O tempo passou e o menino agora já era um rapazinho.

Nessa época o Rei, que já nem pensava mais na profecia, precisou viajar a negócios. O percurso de sua viagem passava bem ali onde vivia o menino. Como chovia muito o Rei precisava se abrigar em alguma casa. E foi bem na casa deles

que o Rei se abrigou. Conversa vai, conversa vem, o Rei descobre que o menino sobreviveu, e ainda o ameaçava. O Rei então, para se livrar do menino, manda-o ir ao palácio levar uma carta muito urgente para a Rainha. E na carta estava escrito assim: “matar imediatamente o portador desta carta”. O rapaz vai levar a tal carta para a Rainha. Nem desconfia que é a sua sentença de morte. Mas se distrai no caminho com uma fada, se perde na mata e está escuro. Não dá para achar o caminho certo.

Desolado o Rapaz pede para pernoitar numa casa onde mora uma velha. Ela o acolhe e recomenda que fique bem escondido porque o sobrinho dela vai chegar, e ele é um bandido muito mau. O sobrinho chega e quer ver o que tem na bolsa do Rapaz. Vê a carta e muda a mensagem para: “o portador da carta vai casar com nossa filha no dia que chegar”. E é o que acontece.

Um tempo depois o Rei retorna ao palácio real e se admira ao ver o Rapaz casado com sua filha e felizes. Claro, o Rei não desiste, e tenta um outro plano para liquidar o Rapaz. Esclarece a este que para manter-se casado com a jovem, ele será submetido à uma prova: ir até o inferno e voltar trazendo três fios de ouro de cabelo do diabo. O apaixonado rapaz aceita a prova e parte em busca dos fios. Porém há três difíceis, senão impossíveis, obstáculos para chegar ao inferno.

Seguindo o mapa o Rapaz se depara com o primeiro obstáculo: um portão com um guarda que só o abrirá se for decifrado o enigma: “*Por que a fonte que jorrava água e vinho secou?*”. O rapaz explica que vai perguntar isso ao diabo e que vai voltar com a resposta. Consegue passar.

Chega então ao segundo pórtico. Um guarda explica que o abrirá se ele decifrar o enigma: “*Por que a árvore que dava maçãs de ouro secou?*”. “*Vou ao inferno perguntar ao diabo e lhe repondo na volta*”. Consegue passar.

Chega enfim ao último obstáculo. É um rio, tem um barco a remo com uma barqueira a bordo, que só o embarca e o leva à outra margem se decifrar o enigma: “*O que eu faço para deixar de ser barqueira, estou presa aqui.*” O Rapaz diz que vai perguntar isso ao diabo e volta com a resposta. A moça o conduz à outra margem.

Pronto, o Rapaz está no inferno. Segue as placas e chega à casa do diabo.

Quem o recebe é a avó daquele, e já vai avisando que o diabo é muito cruel e que adora comer humanos. Mas a avó se emociona com a história de amor do Rapaz e resolve ajuda-lo. Vai tirar três fios do cabelo do diabo e saber as respostas

dos enigmas. Manda o Rapaz se esconder. O diabo então chega, diz sentir cheiro de humanos, mas a avó o distrai com uma succulenta canja, diz que um soninho vai lhe recompor as energias. Quando o diabo adormece em seu colo, a avó arranca um fio do cabelo dele. Este se enfurece e a avó diz que cochilou e sonhou que tinha uma fonte de vinho que secou. O diabo ri e entrega: “*Fui eu que coloquei uma pedra na nascente da fonte! Hehehe!*”. O atento Rapaz anota essa.

De novo o diabo cochila e a avó puxa outro fio. Após outro acesso de fúria do neto, que indagado porque a árvore das maçãs de ouro secou, o diabo ri e explica que ele mesmo pos uma ratazana para roer as raízes da árvore. Mais essa aí Rapaz.

Por fim a avó puxa o terceiro fio, o neto se enfurece e que assim vai ficar careca. Mas a avó o acalma dizendo que sonhou que era uma barqueira para sempre. O diabo ri e responde: “*é só atravessar alguém e antes de sair jogar ao remos nas mãos do outro*”.

Por fim o diabo dorme, roncando muito. O Rapaz pega os fios agradece a bondosa vovó, parte para voltar ao palácio. Chama a barqueira avisando que primeiro ele atravessa o rio e depois disso responde o enigma. Feito e dito, sai do barco e ganha um saco de ouro da barqueira. Chega ao pórtico, decifra o enigma e ganha outro saco de ouro. Chega ao portão, decifra o enigma, ganha mais um saco de ouro. Retorna ao palácio com os três fios de ouro de cabelo do diabo e muito ouro.

O Rei já nem sabe mais o que fazer, o Rapaz não morre! Ambicioso que é, ao ver tanto ouro, o Rei pergunta ao jovem como ele conseguiu tanto ouro.

– Tem de montão lá no inferno. É só ir lá pegar. – responde o Rapaz.

Lá vai o Rei atrás do ouro. Dizem que ao atravessar o rio, por lá ficou.....O jovem casal? Felizes para sempre!

E assim se cumpriu a profecia.

3.5.1 – Considerações psicopedagógicas

Eis aqui um conto de fadas, e o maior sucesso dentre os demais.

Lembra a citação de Bethelheim na qual até o mais desafortunado pode se dar bem na vida. Sempre há a possibilidade de vencer para qualquer um. É uma história de ação, estratégia, inteligência que ajuda a abrir o raciocínio para buscar soluções para o aparentemente insolúvel.

Temos nesta história, da tradição oral e provavelmente bem antiga, várias referências ao inconsciente coletivo, arquétipos e individuação recorrentes em tantos outros contos de fadas.

Este conto remete à história bíblica sobre Moisés, que ainda bem novo foi colocado numa cesta e lançado ao rio, é resgatado, e anos depois liberta seu povo da escravidão. Há várias narrativas sobre heróis que nasceram humildes na pobreza e mais tarde mostram a que vieram. Em ambos há a profecia de que um dia serão reis desbancando os tiranos invencíveis. Ter nascido com dentes pode ser um sinal do destino de duras lutas que o aguarda. Há o arquétipo da criança e do futuro herói neste menino.

Outros símbolos aparecem neste conto, em três difíceis ocasiões temos a figura do arquétipo mãe em uma fada e em duas mulheres maduras, a primeira o impede de ir ao palácio com a carta fatal, a segunda o salva da noite escura na mata, e a outra o auxilia nos enigmas na casa do diabo.

A tríade ocorre também nos três enigmas que o menino precisa decifrar e nos fios de cabelo que ele vai buscar no inferno, é a tríade que aparece em tantos outros contos maravilhosos.

O inferno representa o inconsciente escuro, sombrio e assustador. E é do tenebroso inferno que o menino traz os três fios de ouro de cabelo do diabo, é na mais profunda sombra que o menino encontra o seu melhor, representado pelo valioso ouro. Do confronto com o lado sombra vem o processo de individuação, bem sucedido no menino, no herói.

Ter enfrentado a jornada na floresta escura, passar pelos portais, atravessar o rio, estar no inferno, decifrar os enigmas e voltar com a solução; visualiza as duras lutas do menino para ocupar o seu verdadeiro lugar no mundo e cumprir o seu destino.

Mesmo os enigmas estão carregados de significações, as maçãs de ouro, presentes em tantas outras histórias como a Ilíada, Avalon e a Branca de Neve; a fonte que jorra água e vinho, e por fim, a travessia de barco para chegar ao inferno onde tudo é resolvido, pode ser a metáfora da passagem para uma vida própria.

Todos esses símbolos nos mostram que “os processos interiores são exteriorizados e se tornam compreensíveis tal como representados pelos personagens das histórias e por seus incidentes”. (Bettelheim, 2010).

3.6 – A PRIMAVERA DA LAGARTA

Ruth Rocha

Numa floresta tinha uma árvore onde morava uma lagarta muito feia, comilona e desajeitada. Todos os bichos implicavam com ela: “como é preguiçosa” – dizia a cigarra; “como é enrugada e feia”, dizia a tartaruga; “como é comilona”, dizia a formiga. E a lagarta chorava e comia ainda mais folhas.

Um dia todos os bichos decidiram numa assembléia que iriam expulsar a lagarta daquela parte da floresta. A lagarta percebeu a movimentação e fugiu para bem longe dali. Chorou a noite toda, o dia inteiro, até que parou, e, ao ver uns fios que saíam de seu corpo, resolveu tecer uma capa e assim poderia se esconder daqueles que não gostavam dela.

Enquanto isso os bichos começaram a sentir saudade da lagarta, nunca mais a viram, pensaram que tinha morrido. Porém todos os dias eles iam até a árvore onde ela morava na esperança de reencontrá-la. Passou o inverno e eis que chega a primavera e uma linda borboleta voava ali pela tal árvore. Foi quando a formiga, a cigarra e a tartaruga passando por ali, perguntaram: “oi borboleta, você viu uma lagarta feia, comilona e preguiçosa que morava nesta árvore?”. E a borboleta responde:

– Sou eu, toda borboleta tem seus dias de lagarta! – e então voou.

3.6.1 – Considerações psicopedagógicas

História sobre transformação vinda de uma pausa para meditar e fortalecer. Trata-se de uma história sobre transformação e superação obtidos através de muito sofrimento, tal qual o processo de individuação proposto por Jung.

Numa intervenção psicopedagógica poderíamos trabalhar este ponto: a individuação. Que gera autonomia, a pessoa única que busca e encontra o seu eu.

Também tem a projeção, o ver a si nos outros. Vale ressaltar que todos os personagens têm qualidades úteis e importantes as quais nos visualizam as várias funções que possuímos e muitas vezes não as desenvolvemos, comprometendo em algum grau nossas ações e nossa aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem”.

CORSO, 2009

Histórias podem abrir novos repertórios de possibilidades antes inexistentes por falta de demanda ou o que for. As funções psíquicas adormecidas afloram, são sutilmente solicitadas e desenvolvidas ao mesmo tempo em que afrouxa a dominância da mais intensa, dissolvendo as dificuldades e limitações impostas até então. O pensamento e a cognição tornam-se mais abrangentes também, repercutindo favoravelmente na aprendizagem.

Este estudo mostrou como seis contos e a análise dos estilos cognitivos dos heróis, potencializa a ação mobilizadora a até curativa das histórias.

Histórias por habitarem o espaço potencial, abordam temas sofridos com delicadeza, aguçam a imaginação e disparam a criatividade, fazendo com que os processos interiores se traduzam em imagens visuais – quando o herói é confrontado por problemas interiores difíceis de resolver, até sem solução, seu estado psicológico não é descrito, mas o conto o mostra perdido numa floresta densa e escura, em busca de uma saída. A imagem e a sensação de estar perdido numa floresta são inesquecíveis.

A narração de histórias pode contribuir bem positivamente nas intervenções psicopedagógicas, constituindo-se em um valioso recurso para ampliar o pensamento, colaborando para tornar mais saudável a modalidade de aprendizagem; e, num plano mais subjetivo, ajuda a trazer à tona tensões, conflitos e possíveis soluções.

Porem o senso de participação ativa de quem narra o conto oferece uma contribuição vital e enriquece muito a experiência que a pessoa tem dele. Em outras palavras, depende muito da sensibilidade do narrador o efeito que uma história

causa em quem a ouve. Tão importante quanto a escolha de uma boa história é contá-la com envolvimento, compartilhando-a com o outro, portanto é essencial considerar este aspecto numa intervenção psicopedagógica em que se conte histórias.

BIBLIOGRAFIA

BETTETHLEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fada. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O Homem que Espalhou o Deserto. São Paulo, Global Editora, 2006.

CORSO, D. e M. Fadas no Divã – Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FAGALI, Eloísa Quadros. Estilos cognitivo-afetivos dos heróis dos contos. São Paulo, Revista Construção Psicopedagógica, 2011.

GRIMM, Irmãos. Cinderela e Outros Contos. São Paulo, Editora Formato, 1989.

JUNG, Carl Gustav. Arquétipos e Inconsciente coletivo. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica, 1994.

JUNG, Carl Gustav. Símbolos da Transformação. Petrópolis. Vozes, 1989.

KING, Stephen Michael. O Homem que Amava Caixas. São Paulo, Brinque-Book, 2005.

MACHADO, Ana Maria. De Fora da Arca. São Paulo, Editora Ática, 2002.

MATOS, Gislayne Avelar. O Ofício do Contador de Histórias. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

MEDEIROS, Adriana. Contos de Fada: Vivências e Técnicas em Arteterapia. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2008.

SAFRA, Gilberto. Curando com Histórias. São Paulo. Edições Sobornost, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico, São Paulo, Cortez Editora, 2007.

SILVA, Luciana Pellegrini Baptista. Bruxas e Fadas, Sapos e Príncipes. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2009.

SILVEIRA, Nise, Jung, Vida e Obra, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

WINNICOTT, D. W. O Brincar a e Realidade. Rio de Janeiro. Imago Editora LTDA, 1975.

WINNICOTT, D W. Natureza Humana. Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA, 1990.